

6 (Seis) Considerações finais

Compreender como práticas de comunicação atuam como estratégia de visibilidade social e midiática entre jovens “pretos” e “favelados” foi o objetivo anunciado desde as primeiras páginas desta tese. Chegando ao fim do percurso investigativo (ou, ao menos entendendo que reunimos o aparato necessário para tecer nossa análise, uma vez que determinadas pesquisas etnográficas podem estender-se *ad infinitum* dada a riqueza dos campos escolhidos), acreditamos ter cumprido nossa meta, torneando nuances que ultrapassaram matizes essencialmente da Comunicação.

A observação próxima dos sujeitos no Rio de Janeiro e em Nova Orleans trouxe-nos questões para além das inicialmente imaginadas, frutos do ato de “deixar o campo falar” ao pesquisador. Interagindo e aprendendo com os participantes, exercitamos a escuta ao mesmo tempo em que buscamos permitir a expressão dos sujeitos juvenis também neste texto acadêmico. Recorrer a uma metodologia que envolvesse as juventudes examinadas, possibilitando sua ação como coprodutoras de saber e conhecimento neste trabalho final foi igualmente o nosso intento. Afinal, os dados que preenchem o contorno deste estudo não são meus, mas dos passistas, dos idealizadores e organizadores de batalhas de passinho, dos poetas, das blogueiras e ativistas de Nola. São suas histórias, vivências por mim tomadas por empréstimo com o compromisso de colaborar na luta por reconhecimento, pois, escrever é também representar, conferindo visibilidade ao tema narrado e aos seus personagens.

O risco de reduzir o Outro a simples “objeto de estudo” (útil a um fim específico, usado e depois descartado) é um dos enfrentamentos que tivemos ao seguir do campo para o computador. Aderir aos princípios feministas na realização desta pesquisa fez-nos encarar a conveniência à qual comumente nos rendemos ao falar por alguém em nossas formulações. E admitir tal posição de convivência neste processo é passo importante para rastreamos caminhos alternativos, que nos permitam questionar o próprio lugar de onde teorizamos e assim procurar firmar relações menos hierárquicas com os sujeitos interlocutores da análise. Eis, então, a primeira consideração a fazer:

Foi nosso desígnio evidenciar nesta tese como se deu a nossa ação em campo, não apenas na coleta de dados e o que fizemos com eles, mas, sobretudo, quanto aos laços estabelecidos com os jovens. Do mesmo modo, buscamos a honestidade em nossas interações, explicitando aos sujeitos a posição como pesquisadora e o objetivo ao estar com eles, bem como possibilitando que intervissem no exame crítico em construção. Tal investida não é isenta de conflitos, o que admitimos desde o início de nossa opção metodológica. Não ignoramos que, além de questões éticas, há também aspectos políticos da pesquisa qualitativa feminista associados, como o poder institucional e individual que modela as relações entre estudiosos e sujeitos pesquisados, a interpretação dos dados e até mesmo as exigências materiais para apresentação dos resultados a uma douda banca avaliadora, como já apontou Gesa E. Kirsch (1999).

É uma opção metodológica em processo contínuo: de construção e de negociação. Construção porque nosso campo configurou-se como espaço dinâmico, o convívio demandava habilidade para acompanhar as práticas juvenis desdobradas em configurações físicas e também virtuais. Negociação como ato de, enquanto pesquisadora, estar aberta à possibilidade de aprender, efetivamente, com os participantes, envolvendo o equilíbrio entre “falas nativas” e o *ethos* de cientista. Ademais, dados qualitativos não podem ser repetidos. Trata-se de informações apuradas em tempo e lugar específicos. No momento da redação acadêmica, já se tornaram contos históricos, mas nem por isso perdem seu valor. E, quando formamos o vocabulário necessário para expressar os resultados conclusivos em conjunto com os participantes da pesquisa, há mais chances de construirmos conhecimento de base mutuamente esclarecedora, conforme Kirsch.

Ao propor nossa contribuição metodológica às pesquisas etnográficas na Comunicação, não o fazemos simplesmente para narrar um pretenso triunfo sobre a adversidade no campo, tampouco como reduto de desculpas ou justificativas a possíveis críticas da academia à apuração final. Mas o intuito é apontar, como alinhou Kirsch (1999, p.10, tradução nossa)²⁰⁶, que a “autorreflexividade é apenas um passo no complexo processo de redefinir o que significa fazer pesquisa em um mundo pós-moderno muitas vezes carente de justiça social”.

²⁰⁶ Tradução livre do original: “*Self-reflexivity is only one step in the complex process of redefining what it means to do research in a postmodern world often lacking in social justice*”.

Em *Pode o subalterno falar?*, publicado pela primeira vez em 1985, a filósofa Gayatri Spivak (2010) discute a impossibilidade de determinados sujeitos sociais se expressarem de fato. Seriam os “subalternos” aquelas pessoas que não estão apenas às margens, mas, sobretudo, cuja voz não pode ser ouvida, homens e mulheres que integram “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.5).

Para Spivak, o espaço dialógico não se concretizaria aos subalternos, já que estes não conseguiriam estabelecer interações como falantes legítimos. Desta maneira, caberia ao intelectual criar espaços por meios dos quais o subalterno possa se expressar para que, quando o fizer, seja ouvido. Trazendo este alinhamento ao nosso estudo, percebemos que não podemos falar pelos jovens, mas podemos trabalhar contra a subalternidade deles, como sugere Spivak (apesar de que, opostamente à indiana, acreditamos que alguns subalternos têm encontrado meios e brechas para serem ouvidos por si na atualidade).

Assim, trazer as falas dos assistas, dos poetas e das blogueiras para a pesquisa é uma via factível para que estes sujeitos sejam ouvidos, uma vez que esta tese se coloca à disposição da comunidade acadêmica e também da leiga. Em primeira instância, a serviço dos próprios jovens participantes, na medida em que foram os primeiros convidados a discutir os resultados²⁰⁷. Em verdade, suas ações relatadas ao longo de todo este trabalho já expressam seus próprios esforços contra a subalternidade a que estariam predispotos. Definitivamente, não são os sujeitos juvenis aqui tomados como meros informantes nativos úteis a um presumido “olhar superior” do pesquisador que teria por missão “traduzir” suas práticas e anseios para o resto da sociedade.

Quanto à discussão traçada sobre representações e visibilidade, à luz do campo e do referencial teórico que nos suportam, inferimos que representar é conferir visibilidade, processo este influenciado por valores socioculturais do contexto em que ocorre. Disso despontam dois questionamentos óbvios, inicialmente, a relevarmos para nossa segunda consideração: (1) Quem representa? E (2) como representa? Um grupo simbólica e recorrentemente

²⁰⁷ Conforme relatamos no Capítulo 2.

taxado de excluído sofre efeitos reais de exclusão. O alegórico se materializa com implicações concretas, podendo afetar as interações entre os indivíduos, como evidenciaram as experiências observadas no campo. E foi este ponto que focamos ao olhar para as práticas de comunicação juvenis como meio de re(a)apresentação.

Assim, por nosso contexto e traçado teórico, galgar visibilidade social ou midiática é rastrear o próprio reconhecimento enquanto condição de mulheres e homens como parceiros integrais na interação social. Não se trata de valorar a identidade específica de um grupo, mas colocar em relevo o anseio de cada singularidade juvenil pela paridade de participação no cotidiano. Trazer à tona a reivindicação do “preto” em Nola e do “favelado” no Rio é perscrutar fendas por onde possa passar e se re(a)presentar o cidadão, o ser, desconstruindo esforços de todo tipo que levaram ao estabelecimento de uma suposta inferioridade destas pessoas (manifestação historicamente incorporada e naturalizada nas relações sociais).

As práticas estudadas salientaram, assim, o desejo dos jovens de ser vistos, olhados, reconhecidos. É emblemático quando Rafael Mike, do *Dream Team* do Passinho, diz que “olharam pra gente”, ao lembrar como surgiu o grupo que hoje tem projeção midiática. Sua afirmação expressa o papel da percepção do Outro sobre as trajetórias singulares dos passistas do *Dream Team*. Antes mesmo de eles se reconhecerem como uma equipe, a mirada externa os enxergou enquanto artistas potenciais. Entretanto, conforme discutimos nos capítulos anteriores, não se trata apenas de visibilidade midiática, mas também da social. O reconhecimento da própria família, dos vizinhos, da comunidade igualmente é alvo das estratégias juvenis.

No Rio, não foram poucos os relatos que ouvimos em campo e trouxemos para esta tese sobre o orgulho de jovens que passaram a ser respeitados em suas favelas por serem dançarinos de passinho. Em outros termos, brio advindo do *status* de ser reconhecido. Em Nola, o incentivo aos adolescentes no Noyom a falarem, a externarem suas emoções e convicções em palavras em alto tom revela um tipo de pedagogia da visibilidade, por meio da qual os indivíduos são ensinados a identificar e explorar suas próprias habilidades e competências, tendo como fim a demarcação de um posicionamento paritário frente aos Outros. O *Noirlinians*, de maneira incontestada, tem, desde a sua criação por Mwende e

Denisio, o objetivo de discutir modos de representação (e, por consequência, de visibilidade) na mais africana das cidades norte-americanas.

A dança, a palavra falada e o texto no blog como via de partição de experiências levam-nos também a refletir sobre tais práticas de comunicação como mecanismos por si visíveis a fim de promoverem a vocalidade dos sujeitos envolvidos. Como lugares de fala, potencializam o feito de tornar exposto, aparente o que era até então despercebido. Sobre isso, Gayatri Spivak cita Foucault para concordar que:

Tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico (FOUCAULT apud SPIVAK, 2010, p.61).

O que depreendemos é que se a representação, ou ato de tornar algo visível, não acontece pelas vias nas quais a sociedade, de uma maneira geral, está envolvida (com grande papel da mídia nestas circunstâncias), o sujeito juvenil (ao menos no nosso campo analisado) tratará de buscar, ele mesmo, com seus argumentos corporais, criativos, estéticos e artísticos, meios para se autorrepresentar ou re(a)presentar. Assim, por si estará buscando visibilidade, a fim de produzir as condições para que possa falar e ser visto (reconhecido), na expectativa de ser ouvido e enxergado. Como estamos afirmando ao longo desta tese, é a busca pela equidade nas interações sociais, o caráter dialógico a ser encontrado na relação entre falante e ouvinte.

As estratégias analisadas para alcance do *status* de reconhecimento partem tanto de iniciativas individuais quanto coletivas, visando beneficiar tanto o sujeito particular quanto seu grupo. Em outras palavras, se empreendimentos como o passinho, em última instância, jogam luz sobre a singularidade do garoto ou garota que pela flexibilidade de seu corpo e engenhosidade artística visa atrair a mirada alheia, mesmo que nos poucos segundos de exposição no palco físico ou virtual, há também o investimento do *artactivism* dos poetas e blogueiras de Nola, que elegeram as palavras como instrumento verdadeiramente de fala, de re(a)apresentação, chamando a atenção para seus enfrentamentos diários compartilhados.

Em linhas políticas diferentes, dançarinos do Rio e escritores de Nova Orleans de imediato encerraram percepções distintas à luz desta investigação. Os primeiros teriam na fama uma forma exagerada de ser indivíduo, como já discutimos. Os outros buscariam sob os holofotes colocar em evidência questões na esteira de movimentos sobre o debate racial, entre outros. E é o que de fato aprendemos em campo e apresentamos como terceira consideração nesta secção final.

Entretanto, não se trata apenas dessa acepção. Porque o olhar mais atento e as negociações com os sujeitos para esta redação também fizeram emergir o entendimento de que os jovens de Nola e do Rio muito se avizinham ao verificarmos que os propósitos finais podem ser cambiados. Ora, acompanhando o indivíduo passista que demanda visibilidade para si, descobrimos que sua trajetória é envolta por aspectos que os une a seus pares, jogando luz ao seu grupo, ao coletivo. Paralelamente, nas reivindicações comunitárias dos poetas e das blogueiras salta, por final, o indivíduo, único, que ao cabo também quer a visibilidade para si, ainda que seu discurso reclame o grupal.

O passinho como prática de comunicação, sociabilidade e ressignificação (dos seus sujeitos e do próprio espaço favelado) revelou também elementos que nos permitiram contorná-lo como uma subcultura, nos moldes descritos por Ross Haenfler (2015). Entre caracterizações estéticas e critérios de autenticidade forjados, envolve um intrincado processo social e cultural (com influências também políticas e econômicas) que suplanta o exercício de razão a quem queira identificar friamente as “qualidades” da dança que tem atraído admiradores dentro e fora da favela. O passinho é o resultado dos encontros das singularidades juvenis faveladas, pautadas por todo aporte de criatividade e improvisação.

É pertinente lembrar que a dança em si, paralelamente aos seus praticantes, vive um processo de reconhecimento. Agora elevada à categoria de “dança urbana”, está sendo profissionalizada para atender às demandas do próprio mercado que viu no ritmo favelado a confluência de uma larga cultura local representativa, em certa medida, de uma das múltiplas facetas do “ser carioca”. Aos passistas que almejam o registro de dançarino profissional (um elemento certamente alusivo a um tipo de *status* diferenciado frente aos pares que “apenas dançam”), cabe a submissão ao crivo da comissão artística do Sindicato dos

Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro. Já finalizando a presente tese, tivemos contato com a apostila elaborada pelo Sindicato para que os dançarinos se preparem para as provas teórica e prática para obtenção do registro. Ao resgatar um breve histórico do passinho e descrever alguns movimentos corporais, o material é aberto, salientando que o estilo “segue em permanente desenvolvimento, dia após dia, constantemente alimentando o ciclo de virtuosidade fenomenal”²⁰⁸.

O ritmo dos jovens das comunidades cariocas destaca o corpo juvenil que se adapta, transforma e sobrevive em contextos onde as batalhas não acontecem apenas sob os facho de luzes nos palcos de competições. O passinho é sobre se exibir e ser olhado (como contou Rafael Mike); é sobre não deter capital econômico, mas gozar dos benefícios advindos de outras fontes (do corpo, da imaginação) que, em vez de dinheiro, primeiro rendem “fama” na rua, na favela, na internet, quiçá na mídia de massa (como relatou Cebolinha sobre as “mina” que “estufa o peito” por namorar um dançarino); é sobre demarcar uma prática cultural nascida em um espaço historicamente estigmatizado, mas que tem alcançado projeção para além dos limites favelados, endossando o discurso de que “favela é potência e não carência”, como tantas vezes ouvimos em campo. A possibilidade conferida pela dança ao passista de circular entre favelas e pela cidade (ainda que sofram abordagens policiais por suas características físicas que sinalizariam algum tipo de suspeição às “autoridades”) também adensa o escopo do estilo. Neste ponto, conforme Ana Enne (2012, p.32),

é preciso lembrar que as fronteiras e os limites de uma determinada área são operados a partir de práticas e interações cotidianas, sendo reconstruídos na experiência diária de seus moradores, em situações de contato com outros moradores ou com pessoas de fora e mesmo a partir do discurso oficial, da mídia e das manifestações culturais.

Pelo passinho, os sujeitos favelados podem romper a geografia física e simbólica da cidade, movimentando-se no palco de diferentes contextos (desde a batalha na favela que até então era “rival” da sua até a apresentação em um hotel de luxo na Zona Sul ou a exibição em um estúdio de TV), estando aptos a assumir uma postura cosmopolita, no sentido atribuído por Gilberto Velho (2010, p.21)

²⁰⁸ Cf.: Apostila de conteúdo e referências para a Prova Teórica de Passinho. Disponível em: <http://www.spdrj.com.br/provas.php>. Acesso em 17 de março de 2017.

como a figura de um mediador: “Pode ser um instrumento, um modo de vida que possibilite estratégias de acúmulo de recursos materiais e imateriais, incluindo-se prestígio e poder”. Em distintas vertentes, opostas à ideia de refinamento sociocultural, os passistas e os mobilizadores favelados podem ser exemplos do cosmopolitismo quando detêm a capacidade de associarem-se a estilos de vida que demarquem fronteiras de *status* (o passinho tornou-se distinção na favela), ou ainda ao prestarem-se ao papel de difusores de informações e ideias que contribuam para estabelecer pontes entre diferentes níveis de cultura (VELHO, 2010).

Ora, as ações empreendedoras de Thiago, da Expo Passinho Carioca, e de Lucas e Ronaldo, do Favela em Dança, são ilustrativas do que queremos dizer. Estes jovens seriam, por seu investimento social e cultural, exemplos de um tipo de interlocutores na vida da favela, lideranças que despertam, conforme Silvia Ramos (2007, p.246):

A produção de um discurso na primeira pessoa; a capacidade de expressar signos com os quais os jovens das favelas se identificam e, ao mesmo tempo, de criar modelos que recusam as imagens tradicionais; a criação de metáforas por meio das histórias de vida; por último, a capacidade de transitar na grande mídia e na comunidade.

Devemos apresentar como quarta consideração que nos duelos da dança também estão no ringue as lutas de classificação valorativa. Nestas batalhas, os recursos tecnológicos tornam-se importante aliados para viabilizar a entrada e permanência de sujeitos juvenis historicamente marginalizados nos campos de produção de sentidos, de representações. A brecha para o empoderamento enquanto protagonistas de suas histórias emerge nas redes artísticas e comunicacionais que se opõem ao rótulo de subalternidade. Por vezes, nestes embates, como aponta Ana Lúcia Enne (2010, p.32), é necessário estabelecer um tipo de negociação, “em vez de enfrentamento direto, algumas pequenas astúcias, no sentido citado por Certeau, para a obtenção do direito à expressão, à visibilidade, a uma existência dentro de campos de possibilidades em alguns níveis muito fechados”.

Eis, pois, o encaixe da função política presente nas expressões juvenis analisadas, como discutimos no Capítulo 5. Em cena, as palavras escritas e faladas expressaram bem esta vertente. Vocábulos carregados da significação de si são

rabiscados, proclamados e publicados como conclamação de um lugar paritário nas interações sociais. Observar o *Noirlinians* e o Noyom fez-nos perceber o traçado do *artactivism* citado por Mwende em uma de nossas entrevistas. É pela via que se propõe artística e estética que são emuladas representações e visibilidade nas ações dos poetas de Nola. Mwende, Denisio, Quess, Akeem e os tantos adolescentes do Noyom são também mediadores como propõe Gilberto Velho, são também lideranças que expressam signos com os quais outros jovens pretos de suas comunidades se identificam, como diz Sílvia Ramos. Novamente sob holofotes, agora o corpo jovem anuncia o ativismo pela arte.

O Noyom reivindica a possibilidade de transformação gradual da realidade perpassada pelo ato de subir ao palco (posto por si de grande representatividade) e comunicar-se. Como uma mutação a ser iniciada no indivíduo, o objetivo é tocar mais e mais pessoas, como delimitam os realizadores do evento de *spoken word*. O que tecemos como consideração deste movimento é a priorização de esforços para um empoderamento consciente dos sujeitos: eles precisam saber que podem falar, eles devem ser encorajados a falar, e assim estarão aptos a falar por si, se assim decidirem. Este apontamento é contribuição direta de Mwende, figura comum entre o evento de poesia e o *Noirlinians*.

O *blog* das jovens de ascendência africana é a própria configuração do ato de dar-se a ver como busca de reconhecimento. Revelando suas experiências e desnudando suas próprias histórias (de relação com a cidade e com seus corpos, de violência sexual e cultural, entre outras), Mwende e Denísio convocam a atenção para o debate de tópicos que afetam, também, outras singularidades. A ação de ambas em reunir e compartilhar tais vivências em uma plataforma *on-line* atende exatamente ao desejo de dilatar o debate, porém mantendo-o em um espaço que é delas: “Eu posso usar qualquer coisa que eu quero no meu *blog*, porque é o meu lugar e o meu lugar não é do julgamento de ninguém”, como disse Mwende em trecho que citamos no último capítulo e julgamos pertinente resgatar a título destas considerações finais. O *blog* e o Noyom são expressão da engenhosidade juvenil agenciada por temas na pauta social.

Neste processo por visibilidade, as individualidades estão envolvidas de diferentes maneiras: além do lugar de moradia (no Brasil) e da raça (nos EUA e também no Brasil), o gênero e a classe social também serão atributos a atravessar

o processo de autorrepresentação dos sujeitos juvenis participantes. São categorias emergentes quando toma o centro da pesquisa aquele que saltou como suporte de discurso basilar: o corpo.

Técnico, estético, político, empreendedor e empreendido são os ângulos dos corpos dados a ver em nosso campo. Produzidos para fotos (como no *Noirlinians*) ou capturados na explosão performática (da dança ou da palavra falada), é a fronteira tátil e meio de relação dos sujeitos juvenis em suas realidades. Os corpos encerram a própria materialidade física investida nas estratégias de fazer-se visível, aparente, manifesta, perceptível. A textura corporal franqueou a questão de gênero, levando-nos a considerar que, se o discurso do jovem homem “favelado” e “preto” tende a ser anulado em um contexto desequilibrado de interação social, a jovem mulher “preta” e “favelada” encontra-se em condição ainda mais crítica e desproporcional. Em busca das frestas de reconhecimento, ela precisará trilhar vielas onde se acumulam pedregulhos de preconceito e discriminação. Os depoimentos de Mwende e Denisio publicados em seu *blog* são sinalizadores desta constatação, entre outras situações também verificadas entre as passistas no Rio.

O corpo, suporte de representações, está ainda virtualizado, tendo sua mensagem expandida pelos recursos tecnológicos já apropriados pelas juventudes. Fotografado, filmado, editado e publicado, pode ser curtido, compartilhado e seguido por um número indefinido de “amigos” em redes sociais digitais. Das experiências de representações e visibilidade nas redes, tanto do passinho como do Noyom e do *Noirlinians*, depreendemos que a internet circunscreve uma dupla posição: nos contextos analisados, ela tanto (1) estabelece um lugar entre os jovens como tecnologia de sociabilidade e ampliação de redes, *locus* de exibição de si, convocação do Outro e alcance de outras singularidades, como também não perde seu papel de (2) instrumento que potencializa ações e movimentos que ocorrem *off-line*. É por esta mão dupla que vislumbramos as maneiras como distintas juventudes, no Brasil e nos Estados Unidos, habitam diferentes territórios – físicos e virtuais – e traçam suas trajetórias e projetos. Temos corpo e novas tecnologias delimitadas como quinta consideração.

Decerto, reconhecemos que estamos lidando, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, com juventudes que não são neutras, tábuas rasas. É fato que são

inúmeros os aspectos envolvidos e condicionantes das escolhas dos sujeitos, como observa Ana Enne (2010, p.16): “Evidentemente, toda construção cultural é sempre social e individual, no sentido de que se manifesta individualmente, mas está sempre ancorada nas estruturas sociais”²⁰⁹. É por isso, inclusive, que nos empenhamos no Capítulo 2 em apresentar as cidades, os ambientes e suas tramas nas quais os sujeitos juvenis estão inseridos. Ainda assim, e continuamos a concordar com Enne (2010, p.17), “mesmo levando tais aspectos em consideração, sem dúvida, é na modernidade ocidental que, dentro de uma ideologia individualista, os sujeitos disporão de maior autonomia para compor suas pessoas públicas”.

O que pretendemos apontar, então, por sexta e última consideração a ser apresentada, é que os participantes do presente estudo estariam, por nossa análise, em um processo de “autonomização”, se assim podemos formular. As práticas analisadas configurariam, por este viés, contingências de expressões mais autônomas: permeáveis ao contexto sociocultural (pois subjetividades são tecidas mesmo nos arranjos da interação), mas resguardando a possibilidade dos atores envolvidos de falarem, e não apenas de serem falados; de re(a)apresentação de si, e não apenas de serem representados; de serem reconhecidos e, principalmente, de reconhecerem-se.

As práticas observadas às quais consideramos estratégias de visibilidade atuam, em certa medida, como as “táticas” nomeadas por Michel de Certeau (1998, p.101). Trata-se de “artes de fazer” no cotidiano, “astúcias sutis”, é ação que “cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco”. O investimento nas táticas distingue uma maneira de agir, conforme o antropólogo francês, que nos ajuda a completar:

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de

²⁰⁹ Lembramos ainda a participação de muitos jovens do passinho em programas de Ongs e instituições ligadas ao poder público no Rio. Também em Nola, Mwendé deixa claro seu reconhecimento à importância de programas sociais e culturais, institucionais ou não, na formação dos jovens. Tal contexto nos faz concordar novamente com Ana Enne (2012, p.40) quando afirma que: “é possível conceber, mesmo neste esforço de dar voz e legitimar formas de autorrepresentação, ações conjuntas entre múltiplos sujeitos, incluindo aí lugares instituídos como as ações governamentais no que se refere à implementação de políticas públicas, ao apoio de setores privados, à relação com a mídia tradicional e à própria universidade”.

durações e ritmos heterogêneos, etc. (...) as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder (CERTEAU, 1998, p.102).

Ou seja, o passinho, o Noyom e o *Noirlinians* encerram **meios possíveis**²¹⁰ de reapropriação da vida cotidiana mesmo em um contexto de padrões de valoração cultural impostos. São os rabiscos de dançarinos, poetas e blogueiras deixados como rastro visível por onde passam.

Ao cumprir nosso intuito de buscar o lugar de fala, as brechas, as práticas de comunicação entre os jovens do campo em Nola e no Rio como tática de re(a)apresentação e, por conseguinte, visibilidade, acreditamos que eles e elas encontraram alternativas para tentar falar e se fazerem ouvidos, de alguma forma. O passinho virou referência nas comunidades, sendo o dançarino um sujeito distinto por seu talento na dança, sem obrigatoriamente ter que se render ao discurso hegemônico para se fazer ouvir – recurso que, segundo Spivak (2010), seria a única via para o subalterno falar. Mesmo que a mídia de massa seja um alvo para muitos dos dançarinos, a internet e suas redes possibilitam a participação da maioria, a apresentação ao olhar do Outro em uma plataforma que se coloca acessível. Todos os sujeitos no campo possuíam um *smartphone*, código material suficiente para integrar as articulações *on-line* tão logo uma rede *Wi-Fi* (preferencialmente) gratuita é conectada. Pela poesia e o *blog* em Nova Orleans, vimos sujeitos reivindicando a fala, mas antes aprendendo que têm voz, para além da sonoridade que sai da boca. O *Noirlinians*, enquanto projeto que existe em plataforma virtual, amplia como uma lupa as palavras escritas de suas autoras, que podem ser acessadas e compartilhadas na velocidade de um clique.

Por fim, a presente investigação se faz importante por contribuir para a percepção, análise e compreensão de mudanças sociais como resultado acumulado e gradual de ações cotidianas; no nosso enfoque, de jovens no Rio e em Nola e suas estratégias – articulações comunicacionais de visibilidade. Nosso intuito, voltamos a reforçar, é que as questões debatidas nesta tese possam ajudar pessoas, movimentos e organizações da sociedade civil a pensarem o potencial de atuação das juventudes e o caminho que elas vêm conseguindo percorrer e construir para ecoar suas vozes mais alto, mais longe.

²¹⁰ Grifo nosso.

Que esta pesquisa, como evidenciamos aos participantes, possa revelar-se texto útil para pensarem suas próprias dinâmicas e seguirem em suas batalhas – individuais ou coletivas; de passinho ou de palavra-falada, como práticas representativas de questões mais profundas da lida diária. Ao campo da Comunicação, que possa ser o ponto de continuidade à reflexão de outros pesquisadores, tomando a juventude como parte do processo de interação, buscando em manifestações de grupos recorrentemente representados sob um só prisma o entendimento dos sentidos quando produzidos por eles próprios. E, claro, o papel da mídia e da tecnologia neste cenário vivo e em constante mutação. Indubitavelmente, um dos principais ensinamentos que levo está em ouvir as pessoas. Conversar com elas, aproximar-me delas. Colocar-me no lugar delas. Isso também é Comunicação e é Comunicação para transformação.

Como priorizei a sinceridade no campo e em cada linha aqui traçada, é honesto por último assumir que este empreendimento acadêmico diz muito de mim, do meu lugar de fala, de minhas próprias vivências e anseios, da minha busca particular e íntima por romper as fronteiras do *ethos* paralisante quando estamos às margens. Resgato minhas extremidades à procura de um centro que também renda algum tipo de visibilidade, reconhecimento. Lanço-me ao presente caminho por mim, é verdade, e por outros e outras. Faço isso porque tenho fé que nossas pesquisas podem concorrer para a produção de uma sociedade mais atenta aos interesses concretos dos múltiplos sujeitos.

Rabisca e publica!